

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A ÉTICA DO PÚLPITO: UMA REFLEXÃO SOBRE O SIGNIFICADO DO PÚLPITO PARA A IGREJA EVANGÉLICA NA ATUALIDADE

The ethics of the pulpit: a reflection about the pulpit meaning for evangelical church in actuality

William Tenório Quintela¹

RESUMO

O presente artigo parte da compreensão do papel histórico do púlpito para a igreja cristã, e caminha pela investigação do significado do púlpito para as igrejas evangélicas na atualidade. Entendendo que o púlpito é envolto por um caráter ético cristão, surge a problemática: O púlpito e o que ele representa tem sido valorizado pelas igrejas evangélicas na atualidade? Seguindo com a hipótese de que o púlpito tem na atualidade sofrido uma desvalorização em seu real significado, o artigo defende a necessidade do resgate da *ética do púlpito*. A ética, que por séculos tem norteado e conferido ao púlpito o lugar central nos templos das igrejas evangélicas, precisa ser reafirmada.

Palavras-chave: Púlpito. Cúpula. Ética. Reforma. Pregador. Exposição.

ABSTRACT

The present article starts with the comprehension of the historical role of the pulpit for the Christian church, and continues investigating the meaning of the pulpit for the evangelical churches in the present time. Based on the comprehension that the pulpit is involved with a Christian ethical character, we introduce a problem: Have the evangelicals churches in the present times valued the pulpit and what it represents? The articles follows with the hypothesis that the pulpit has suffering a devaluation of its true meaning in the present time, and proposes as a solution the rescue of the pulpit ethics. The ethics,

¹ Mestrando em Teologia (FABAPAR) e Pós-graduado em Docência do Ensino Religioso (FTBP). Professor do Seminário Teológico Batista do Centro do Estado de São Paulo (FATEO). Pastor da Igreja Batista do Jardim Bela Vista em Bauru/SP. E-mail: wtquintela@gmail.com

which for centuries has been the sense of direction for the pulpit and granting for it the central place in the temples of the evangelical churches, needs a reaffirmation.

Keywords: Pulpit. Dome. Ethics. Reform. Preacher. Church. Exposition.

INTRODUÇÃO

Deus alguma vez mandou o homem construir um púlpito? Há necessidade de púlpitos no culto cristão? Qual a real função do púlpito em nossas igrejas? Existem normas que norteiam seu uso? Quem está apto a subir no púlpito e “*falar em nome de Deus*”? Existe uma ética do púlpito, qual seria? São estas perguntas que o presente artigo aborda. O objetivo principal é entender o papel do púlpito na igreja evangélica e os desdobramentos éticos que o norteiam. Para tanto, é necessária a revisão histórica do uso dessa mobília nas igrejas. Uma vez definido seu significado para igreja evangélica, precisamos buscar compreendê-lo a partir da ética cristã. Desta forma entenderemos o que vem a ser a ética do púlpito, e se semelhante ética tem sido valorizada na igreja evangélica brasileira. A chamada pós-modernidade tem afetado o modo de ser e viver das últimas gerações, e conseqüentemente afetado a membresia das igrejas evangélicas. Neste contexto, o papel histórico do púlpito sofre mudanças, o que implica mudança do perfil daqueles que dele fazem uso, e mudança no impacto causado na membresia da igreja. E em alguns casos há até mesmo a substituição do púlpito como lugar principal de transmissão da mensagem cristã, por elementos diversos, tais como danças, filmes, shows, peças de teatro etc. Em outros casos o problema não é de remoção ou deslocamento do púlpito, mas com a mensagem que dele se transmite, e é propondo uma solução para esta problemática que o presente artigo caminha.

1. UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O USO DO PÚLPITO

E Esdras, o escriba, estava sobre um púlpito de madeira, que fizeram para aquele fim.... Então, desde um lugar mais alto, Esdras abriu o livro, e todo o povo conseguia vê-lo. Assim que abriu o livro, todo o povo se pôs em pé (Livro de Neemias).

1.1 O uso do púlpito nas igrejas cristãs

Quando alguém adentra uma igreja cristã evangélica, via de regra, seu olhar desliza pelos bancos e janelas, a fim de preencher a necessidade de localização espacial. Como último ato desse reconhecimento, o olhar alcança o centro do templo e repousa sobre uma mobília central, para a qual tudo parece estar direcionado. Lá está ele, parado, incólume, quase absoluto, o “*púlpito*”. Sem dúvida, esta é uma marca distintiva da igreja evangélica, um legado deixado pelos reformadores protestantes. Ao adentrar uma igreja romana ou ortodoxa, o visitante será tomado por uma quantidade de informações, visuais, bem maior do que em uma igreja evangélica. Possivelmente perceberá haver mais de um lugar para o sacerdote ou orador se dirigir ao público, além de inúmeras outras mobílias, e objetos sacros com funções e significados diversos. Após ter percorrido com o olhar toda planta baixa do templo, terá seu olhar atraído por uma claridade vinda de cima, então olhará e contemplará uma grande e

belíssima cúpula (domo)², algo como se a terra estivesse tocando o céu. Qual a diferença entre as duas experiências e o que está por trás delas? A primeira prioriza as Escrituras Sagradas, já a segunda, a igreja como representante terrena do céu.

As cúpulas dos templos, sejam romanas ou ortodoxas (diferem no formato), foram introduzidas nos templos já na Idade Média, empréstimo dos antigos templos romanos e orientais, os quais apontavam para a grandeza dos deuses, ou imperadores. Na antiga Atenas era o lugar onde comiam os prítanes ou magistrados da cidade.³ Já na igreja medieval representavam a união da terra com o céu sendo o piso da nave a terra, e a cúpula os céus, por esta razão é que são pintadas internamente com personagens das escrituras (santos), anjos e a Santíssima Trindade. A sensação é de estar na presença do divino. Apesar de toda grandiosidade e beleza, a experiência traz consigo um elemento ilusório. Ilusório por duas razões: primeiro, pois Deus nunca ordenou que o homem usasse tal artifício para representar os céus. Segundo, porque Deus não pode ser alcançado pelos homens através desse elemento arquitetônico, mas ele os alcança onde quer que estejam, incluindo na contemplação de uma cúpula.

Paulo esclarece em sua carta aos romanos que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo (Rm 10.17). Desta forma, embora o simbolismo seja de fato rico e a arquitetura seja bela, cria uma armadilha para as almas mais simplórias. Todavia, é preciso lembrar que a cúpula é um entre tantos outros elementos dentro de um templo católico, bem como na liturgia ali realizada. Todos envolvidos em significados múltiplos que concorrem em atenção com as Escrituras Sagradas, de modo que em sua experiência o fiel não consiga perceber o papel de centralidade das Escrituras. Mas o que dizer sobre a outra experiência?

1.2 O lugar do púlpito nas igrejas evangélicas

Nas igrejas provenientes da Reforma Protestante, o templo é marcado pela simplicidade interior, contando com poucos elementos indispensáveis, e todos estes voltados para as Escrituras. Nos templos evangélicos se encontram bancos, mesa para a Ceia do Senhor, às vezes um batistério e os púlpitos. Este é um legado deixado, juntamente como muitas outras mudanças feitas, pelos reformadores. Lutando contra o desvio seguido pela igreja institucionalizada, eles propuseram um retorno à simplicidade do evangelho, seu foco era sem dúvida alguma, a restauração da centralidade das Escrituras em todas as áreas da vida da cristã. Esta reforma afetou a maneira de cultivar, de se construir templos e mobiliá-los. A centralidade do púlpito, nas igrejas originárias da Reforma, surgiu justamente da consciência de ter as Escrituras Sagradas como únicas norteadoras da fé cristã.

Diferentemente dos romanos e ortodoxos, os protestantes tomaram o nome para sua mobília central do latim – “*pulpitum*”, que significa “plataforma” ou “palco”. Já os primeiros fazem uso da palavra *ambão*, derivação do termo grego Ἀμβων, que significa bordo ou parede arredondada, pelo fato de a mobília ser construída circundando uma das colunas do

² Ver cúpula em: http://www.arkitekturbo.org.br/dicionario_por/busca_por.phd?letra=c%FApula

³ Vocábulo: Θόλος (Cúpula – Abóbada). In: PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego – Português / Português – Grego**. Braga: Apostolado da Imprensa, 1990.

templo. Independente de qual das duas palavras se faça uso, é necessário fazer distinção de um terceiro termo – a “tribuna”. Este termo também refere-se a uma elevação de onde falam os oradores, autoridades etc., todavia sem ter caráter religioso.

No Antigo Testamento, não encontramos o púlpito nem no tabernáculo, nem no templo. A primeira descrição que encontramos de uma plataforma de madeira, sendo chamada de púlpito, é no capítulo oito do livro de Neemias, onde se lê: “E Esdras, o escriba, estava sobre um púlpito de madeira, que fizeram para aquele fim”.⁴ No Novo Testamento, embora não haja a ocorrência da palavra púlpito, ou de outro correspondente, sabemos que havia no centro da sinagoga uma mobília separada para a leitura e ensino da palavra de Deus. Ao avançarmos no tempo, encontramos o testemunho do uso do *ambão* e do púlpito nas igrejas na Idade Média. Hoje é um móvel quase onipresente nas igrejas cristãs, todavia seu papel tem sido redefinido em muitas igrejas.

1.3 O significado do púlpito nas igrejas evangélicas

A palavra púlpito traz consigo não somente a ideia concreta de mobília, mas também a ideia espacial do lugar a ser ocupado pelo pregador, o lugar de onde se deve expor as escrituras. Uma terceira ideia advém do uso sinonímico com as Escrituras Sagradas, pois quando se diz: “o púlpito desta igreja tem alimentado inúmeras gerações de irmãos”, subentende-se que quem está alimentando os irmãos é a Palavra de Deus que ali é pregada. O fato é que o uso para o qual esta mobília é destinada lhe confere caráter sacro, assim como aconteceu com a mobília que foi ordenada por Deus a Moisés, para ser construída para o tabernáculo. O fato é que o uso para o qual esta mobília é destinada lhe confere caráter ético e espiritual.

Quando se olha para uma tribuna não há expectativa de transcendência, não há aproximação de fé por parte do ouvinte, mas só a colheita dos assuntos da vida comum, todavia, quando se olha para um púlpito, há a firme expectativa de uma aproximação com a divindade: “o ouvir da Palavra de Deus”.

É interessante perceber que o caráter sagrado não segue qualquer móvel destinado à oratória como é o caso da tribuna, mas o *púlpito* ou o *ambão*, porque deles se transmite a Palavra de Deus. Se o púlpito é referenciado pela Palavra de Deus, então não é o púlpito que envolve a Bíblia Sagrada, mas a Bíblia Sagrada que deve envolver o púlpito. O posicionamento central e histórico do púlpito, na igreja evangélica, deve-se ao entendimento de que a Palavra de Deus ocupa o lugar central dentro do culto cristão.

A relação púlpito / Palavra de Deus estabelece limites ao pregador, os limites da ética bíblica, a ética cristã. Semelhante relação é descrita pelo Senhor Jesus: “Portanto, quem jurar pelo altar jura por ele e por tudo que está sobre ele; e quem jurar pelo santuário jura por ele e por aquele que nele habita; e quem jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por quem está assentado nele” (Mt 23.20-22). Desta forma entendendo-se que o púlpito não está na posição

⁴ Neemias 8.4-5- Algumas versões trazem a palavra púlpito de madeira, outras a expressão estrado de madeira, e algumas plataforma elevada de madeira.

central do templo por acaso, ou por preferência de alguma denominação. A existência do púlpito na igreja cristã é legitimada por seu “serviço” em apoiar a Bíblia durante a exposição das Escrituras. Dessa forma, o púlpito e aquilo que ele implica estão relacionados diretamente com a ética cristã. Os limites éticos estabelecidos pela palavra de Deus, e que norteiam o uso do púlpito, requerem do pregador uma melhor compreensão do que vem a ser a ética cristã, e é nesta direção que o presente artigo segue.

2. ÉTICA CRISTÃ

Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao homem mau; mas a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.... Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem (Jesus de Nazaré).

2.1 O fundamento da ética cristã

Se queremos entender melhor a ética que norteia o púlpito, temos que antes entender a diferença entre a ética cristã e as demais éticas. Há uma diferença grande entre a ética secular e a ética cristã. A ética secular tem suas origens na filosofia grega, mais precisamente em Aristóteles, sofre grande mudança com os trabalhos de Emanuel Kant, a partir de onde se passa a pensar uma ética não metafísica. Esta compreensão da ética tem norteado o pensamento ocidental desde então. Albert Einstein (1879-1955) afirmou que o “procedimento ético de um homem deveria basear-se, efetivamente, na simpatia, na educação e nos laços sociais; não há necessidade de uma base religiosa para que este procedimento social e moral seja satisfatório”.⁵ A ética cristã, ao contrário da secular, é a ética pautada nas Escrituras Sagradas, afetando não somente os costumes, mas também a definição de bem e mal. Desta forma, a ética cristã não deixa espaços para o relativismo ético, o egoísmo ético, ou para utilitarismo.

A ética cristã tem como pressuposto a metafísica, pois acredita em um Deus único criador, sustentador e direcionador do universo. Por ter caráter teísta, ela se encontra no campo da *ética normativa*, que, de acordo com Moreland e Craig, “procura oferecer orientação para determinar se ações, atitudes e motivações certas ou erradas”.⁶ Para Costa, “a missão dada por Deus ao homem para ser cumprida aqui na terra é o assunto especial da ética cristã”.⁷

A ética cristã é tanto teórica quanto prática, tanto procura a compressão dos princípios bíblicos, quanto a aplicação desses princípios na vida do fiel. A missão dada não deve ser uma visão simplista do “ide a todo mundo”. O *ide* não é dissociável do *como ir*, pois quem vai, vai na qualidade de embaixador de Cristo. Conforme Paulo, o Apóstolo, explica na sua segunda

⁵ CUNHA, José Auri. **Iniciação a investigação filosófica**. São Paulo: Atual, 1992, p. 279.

⁶ MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 486.

⁷ COSTA, João Arantes; et al. **O Comportamento do crente: princípios de ética bíblica**. São José dos Campos: Cristã Evangélica, 2016, p. 5.

carta aos Coríntios: “Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos exortasse por nosso intermédio. Assim, suplicamos-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus” (2Co 5.20). O testemunho cristão não é somente o da pregação falada, mas também da *pregação* vivida. Esta é uma realidade para todo cristão. Não só para quem parte para terras distantes, mas também para aqueles que exercem seu ministério atrás de um púlpito, pregando a palavra para uma igreja local. Ser e crer devem estar vinculados, para que o testemunho seja eficaz e a missão dada possa ser cumprida.

2.2 Os aspectos da ética cristã

Partindo da compreensão de que a ética cristã está pautada nas Escrituras Sagradas, e que engloba tanto a teórica como prática, surge a necessidade de saber como ela se manifesta em seus diferentes aspectos.

Costa explica que a doutrina mostra nossa posição em Cristo e a ética determina nosso comportamento em Cristo. Ele apresenta a ética cristã englobando três aspectos: individual, social e teísta, ou seja, o homem em suas diferentes esferas de relacionamento.⁸ A ética cristã, portanto, vai direcionar minha consciência (minha consciência dá testemunho comigo - Rm 9.1), meu procedimento para com o outro (um bom testemunho de todos - At 22.12), e meu relacionamento com a divindade (aquele que o teme e pratica o que é justo lhe é aceitável - At 10.35).

Esta forma de compreensão da ética tem sido uma marca numa igreja saudável. Para os reformadores, por exemplo, a teologia não estava desvinculada da ética. De acordo com George, a fé reformada preocupava-se com o todo da vida, não simplesmente com o âmbito religioso ou espiritual. Isso era verdade porque o Deus soberano da Reforma estava interessado no ser humano inteiro, corpo, alma, mente, instintos, relações sociais e adesões políticas. Ele explica que Lutero conseguiu desvencilhar a ética da opressão, imposta pelo sistema de obras, promovido pela teologia medieval.⁹

A preocupação de uma teologia vinculada à ética cristã não é exclusiva dos reformadores, mas pode ser verificada ao longo de toda a história da igreja, na Patrística, nos movimentos monásticos, entre os puritanos, no movimento moderno de missões e em teólogos e pastores dos dois últimos séculos. Watchman Nee, por exemplo, falando da necessidade de adequação dos ministros da Palavra, esclarece que Deus não somente compartilha Sua Palavra com seus ministros, mas tem que tratar com eles. Ele os eleva ao nível que deseja. Assim sendo, os ministros devem prezar por uma ética pautada pela Palavra de Deus.¹⁰ Na verdade, não se trata de uma ética específica para o ministro, mas para toda a igreja, a distinção acontece quando se assume o púlpito, pois nele se encontra uma ética, que demanda da pessoa que ali se encontra que esteja em situação adequada para a missão de ter autoridade moral para falar à igreja da parte de Deus.

⁸ COSTA, 2016, p. 5-6

⁹ GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores**. Tradução de Gerson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 317-320.

¹⁰ NEE, Watchman. **O ministério da Palavra**. São Paulo: Editora dos clássicos, 2011.

Baxter apela para os ministros do evangelho, dizendo que não exerçam o seu ministério descuidada e superficialmente, mas façam-no vigorosamente e com todas as suas forças, contudo antes pratiquem a disciplina cristã. Para ele, os deveres mais difíceis geralmente são os mais importantes, todavia o pastor deve ser o primeiro a dar exemplo para o rebanho.¹¹ Quando o pastor sobe ao púlpito a fim de levar a mensagem do Senhor, para que não haja disfunção cognitiva, ele deve respeitar a ética que permeia o seu relacionamento com Deus e toda a congregação. Baxter lembra que aquele que prega a renúncia e a mortificação da carne deve praticar essas coisas ante os olhos dos que o ouvem. Quem está atrás do púlpito está sujeito a toda sorte de avaliações por parte da congregação, por isto deve estar, em primeiro lugar, em paz com Deus, com sua consciência e com a comunidade que o cerca.¹²

Por envolver todas as esferas de relacionamento do fiel, a ética cristã vai definir também tudo que diz respeito também ao culto cristão e ao púlpito. Dentro deste âmbito norteia o caráter e posicionamento do pregador que sobe ao púlpito. Surge então, a possibilidade de se falar em uma ética do púlpito. Mas o que seria esta ética? Como ela afeta o pregador? Como saber se esta ética está sendo respeitada na atualidade? Diante da importância do tema estas são perguntas que precisam ser respondidas de maneira honesta, pois o testemunho da igreja cristã diante da sociedade também passa por este teste.

3. A ÉTICA DO PÚLPITO

A grande tragédia de nossos dias é que existem, no púlpito, muitos pregadores sem vida, entregando sermões sem vida, a ouvintes sem vida (Leonard Ravenhill).¹³

3.1 O deslocamento do púlpito na atualidade

A ética que é mediada pelo púlpito, afeta a ética pessoal, ética social e ética teísta. Aquele que sobe ao púlpito para pregar, sobe com a prerrogativa de estar apto para tal tarefa, deve ter uma boa consciência, a consciência de quem tem cuidado de si mesmo e da doutrina.

Não há uma ordem direta nas Escrituras que estabeleça a necessidade e o uso de púlpitos, da mesma forma não há no Novo Testamento alguma ordem para que a igreja construa templos. Por que então essa preocupação com a centralidade do púlpito nas igrejas? A resposta é simples: o púlpito em si nada é, mas quando passa a ser o lugar, a partir de onde se expõem as Sagradas Escrituras para o ensino e alimento dos fiéis, então ele se reveste de autoridade. A autoridade do púlpito não é intrínseca, mas extrínseca, ela vem da Palavra de Deus, daí a necessidade da centralidade do púlpito no templo, pois a prioridade no culto cristão é prerrogativa da Palavra de Deus.

O deslocamento do púlpito é uma realidade em muitas igrejas, conforme comenta Lloyd-Jones:

¹¹ BAXTER, Richard. **O Pastor Aprovado**. São Paulo: PES, 2016, p. 32,33.

¹² BAXTER, 2016, p. 105.

¹³ RAVENHILL, Leonard. **Por que tarda o pleno avivamento?** Belo Horizonte: Betânia, 1989, p. 10.

Eis aí certas mudanças gerais que têm ocorrido na própria igreja. Até este ponto, venho falando sobre pessoas que acreditam na igreja, que a frequenta. Entre essas pessoas tem havido a mudança no lugar e no papel da pregação. Às vezes, essa mudança se expressa até na forma puramente física. Tenho observado que a maioria dos novos templos erguidos em nosso país não tem mais um púlpito central; este foi empurrado para um lado. O púlpito costumava ocupar o lugar central; todavia, isso não acontece mais, e agora vemos-nos a olhar para algo que corresponde a um altar, em vez de contemplarmos o púlpito, o qual geralmente dominava o edifício inteiro. Tudo isso é extremamente significativo.¹⁴

3.2 As formas de deslocamento do púlpito

A mudança que Lloyd-Jones disse acontecer enfoca apenas a forma puramente física, todavia ela vai além de uma simples mudança física ou estética e traz consigo pelo menos duas implicações sérias: 1) em se tratando tanto do púlpito, como da Bíblia. É o caso da substituição progressiva da pregação bíblica, como momento central ao culto cristão, por elementos secundários ou periféricos, tais como shows, apresentações teatrais, filmes, danças, etc.; 2) A substituição da mensagem expositiva da Bíblia,¹⁵ por palestras e discursos diversos, pois neste caso o púlpito permanece, mas não a Palavra de Deus. Quer por falta de preparo, por conduta moral inadequada, pela oportunidade de se aproveitar dos membros da igreja, ou qualquer outra condição que não seja a de um espírito quebrantado, a pessoa que faz uso do púlpito não está respeitando a ética que o envolve. As Escrituras são claras com relação a este quesito: “prega a palavra” (2Tm 4.2); “Portanto, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17); “Pelo contrário, rejeitamos as coisas ocultas, que são vergonhosas, não procedendo com astúcia, nem distorcendo a palavra de Deus. Mas, pela proclamação pública da verdade, recomendamos-nos à consciência de todos os homens diante de Deus” (2Co 4.2); “Tende cuidado para que ninguém vos tome por presa, por meio de filosofias e sutilezas vazias, segundo a tradição dos homens, conforme os espíritos elementares do mundo, e não de acordo com Cristo” (Cl 2.8).

Em ambos os casos, falta a profunda compreensão do verdadeiro significado do culto cristão e a primazia das Escrituras Sagradas. A palavra de Deus exalta a si própria e confere a si mesma o lugar de primazia no culto e na vida cristã, isto por ser divinamente inspirada por Deus. Desta forma, o afastamento da exposição da palavra de Deus é o deslocamento do próprio Deus do centro do culto cristão.

Sem dúvida, o que impulsiona este deslocamento do púlpito é a mudança provocada pelo pensamento pós-moderno. A sociedade resultante do pensamento pós-moderno prima pelo prazer, pelo hedonismo, pelo imediatismo, pelo pragmatismo, não está disposta à reflexão. O púlpito passa então a disputar a atenção do ouvinte com aquilo que tem formado

¹⁴ LLOYD-JONES, Martyn. **Pregação e pregadores**. 2.ed. São Paulo: Fiel, 2011, p. 22-23.

¹⁵ LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa**. São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 37-38.

a mentalidade e cultura do próprio ouvinte, a saber, a tecnologia com sua poderosa injeção multissensorial.¹⁶

3.3 A conscientização sobre a ética do púlpito

Para que o púlpito possa manter seu lugar central no culto cristão e a mensagem que dele é transmitida possa afetar o coração do ouvinte de maneira edificante e bíblica, algumas iniciativas devem ser levadas em consideração. Em primeiro lugar encontra-se a necessidade de formação ministerial de qualidade, tanto teológica, quanto ética e devocional. Uma segunda iniciativa é o levantar da voz profética, dentro da própria igreja, contra os falsos mestres e contra toda forma de abuso que é cometida atrás dos púlpitos, sob a égide de uma pretensa superioridade espiritual. Outra iniciativa importante é a conscientização ampla da igreja através dos mais diferentes veículos de comunicação. A mensagem que do púlpito procede deve ser a pura exposição das Escrituras, iluminada pelo Espírito Santo, apontando para a pessoa e obra de Cristo. O quadro que ora se encontra instaurado de deslocamento do púlpito e da palavra de Deus nas igrejas evangélicas brasileiras é resultado de um processo semelhante ao encontrado em outros momentos da história da igreja.

Quando a igreja passou a ser institucionalizada, perdeu aquilo que a mantinha saudável e se envolveu com inúmeras práticas estranhas e heréticas. Couto detalha como a Idade Média foi marcada por um sincretismo pagão, fruto da inserção dos povos pagãos na igreja através do batismo, feito pelos missionários católicos. Foi contra este desvio que os reformadores se levantaram, recolocando a palavra de Deus no seu devido lugar.¹⁷ Pregadores como Jonathan Edwards, Jorge Whitefield, John Owen, Charles Spurgeon, mantiveram uma postura ética com relação ao uso do púlpito. Eles não somente foram verdadeiros expositores da Bíblia, respeitando uma hermenêutica contextualizada, como também eram cheios de urgência espiritual¹⁸ e, por isso, influenciaram de maneira positiva a igreja em suas respectivas épocas.

Diante dos exemplos acima, fica evidente que muitas igrejas, na atualidade, não têm dado valor merecido ao púlpito. Sobre isso Lawson, comenta:

O sermão moderno tem sido descrito, tragicamente como sendo muito largo e pouco profundo. Outros têm dito que a pregação de nossos dias é um homem manso e bem-comportado que exorta seus ouvintes mansos e bem-comportados a continuarem sendo mansos e bem-comportados.¹⁹

A realidade de desrespeito ou falta de ética no púlpito deve ser entendida como fruto do momento em que a igreja está vivendo, um momento semelhante àquele experimentado pelos que precederam a Reforma Protestante. Onde estariam os reformadores dos nossos dias? Difícil responder, impossível perder as esperanças!

¹⁶ TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Tradução de Antonio A. S. Zuin. Campinas: Unicamp, 2011, p. 20-125.

¹⁷ COUTO, Vinícius. **Culto cristão**: origens, desenvolvimento e desafios contemporâneos. São Paulo: Reflexão, 2016, p. 59.

¹⁸ OLYOTT, Stuart. **Pregação pura e simples**. São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 134-135.

¹⁹ LAWSON, 2013, p. 39.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A igreja atual, principalmente em sua vertente neopentecostal, tem abandonado o uso histórico e bíblico do púlpito. A consequência tem sido o enfraquecimento espiritual da membresia das igrejas. Pessoas lotam templos evangélicos, não mais para apreender da palavra de Deus e poderem viver vidas agradáveis a Deus, mas para poder alcançar a vida vitoriosa que o capitalismo promete.

O púlpito tornou-se lugar para aumentar fortunas, para obter votos, fazer comércio e passar uma mensagem adocicada para massagear os ouvidos daqueles que buscam novidades que o momento tem a oferecer. O único remédio para sarar a igreja desta enfermidade é o uso do púlpito por pastores que preguem mensagens que tenham o sabor da eternidade.²⁰ Pregadores que entendam que existe um conjunto de normas, que orientam o comportamento e a vivência cristã.²¹ Há uma ética a ser respeitada. Só assim poderemos ser aprovados em meio a uma geração corrupta e perversa (Fp 2.15).

REFERÊNCIAS

Bíblia Sagrada. Versão Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BAXTER, Richard. **O Pastor Aprovado.** São Paulo: PES, 2016.

COSTA, João Arantes; et al. **O Comportamento do crente:** princípios de ética bíblica. São José dos Campos: Cristã Evangélica, 2016.

COUTO, Vinícius. **Culto cristão:** origens, desenvolvimento e desafios contemporâneos. São Paulo: Reflexão, 2016.

CUNHA, José Auri. **Iniciação a investigação filosófica.** São Paulo: Atual, 1992.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores.** Tradução de Gerson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1988.

LLOYD-JONES, Martyn. **Pregação e pregadores.** 2.ed. São Paulo: Fiel, 2011.

LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa.** São José dos Campos: Fiel, 2013.

MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2005.

NEE, Watchman. **O ministério da Palavra.** São Paulo: Editora dos clássicos, 2011.

OLYOTT, Stuart. **Pregação pura e simples.** São José dos Campos: Fiel, 2012.

²⁰ PIPER, John. **Irmãos nós não somos profissionais:** um apelo aos pastores para ter um ministério radical. São Paulo: Shedd, 2009, p. 127.

²¹ PALLISTER, Alan. **Ética cristã hoje:** vivendo um cristianismo coerente em uma sociedade em mudança rápida. São Paulo: Shedd, 2005, p. 19.

PALLISTER, Alan. **Ética cristã hoje**: vivendo um cristianismo coerente em uma sociedade em mudança rápida. São Paulo: Shedd, 2005.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego – Português / Português – Grego**. Braga: Apostolado da Imprensa, 1990.

PIPER, John. **Irmãos nós não somos profissionais**: um apelo aos pastores para ter um ministério radical. São Paulo: Shedd, 2009.

RAVENHILL, Leonard. **Por que tarda o pleno avivamento?** Belo Horizonte: Betânia, 1989.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Tradução de Antonio A. S. Zuin. Campinas: Unicamp, 2011.